

LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL: CONTRIBUTOS PARA UMA GRAMÁTICA VISUAL

Carmina Silvestre

Uma nova realidade social tem-se vindo a reconfigurar face aos rápidos avanços tecnológicos, nomeadamente ao uso da Internet e ao crescente número de imagens que imperam no espaço público e privado. Esta nova realidade requer uma aprendizagem de multiliteracias em que os modos de comunicação não se circunscrevam à linguagem verbal e o entendimento desta não se configure de uma forma abstracta. Existe pois a necessidade de incorporar no espaço da investigação novas teorias da linguagem, novos conceitos e instrumentos analíticos capazes de responder aos desafios do presente.

Para Halliday (1989, 1994), nome fundamental da Gramática Sistémico-Funcional (GSF), o entendimento de linguagem verbal é o de um sistema semiótico de entre uma diversidade de outros sistemas semióticos que constituem os vários recursos disponíveis na comunicação. Assim, o termo *linguagem* abarca não apenas a aceção da linguagem humana, mas as várias linguagens naturais e convencionais existentes como recursos comunicativos que co-ocorrem e interagem na construção da produção de sentido.

O presente artigo enquadra-se na Semiótica Social (Hodge & Kress 2006 [1988]; Kress and Van Leeuwen 1999 [1996]; Kress 1997, 2003) e na Gramática Sistémico-Funcional (GSF) de Halliday (1994 [1985]). Halliday desenvolve uma teoria da linguagem cuja visão tem sido expandida e aplicada a outros recursos semióticos por inúmeros seguidores. Na linha de Kress e Van Leeuwen (1999 [1996], 2001), Kress (2003), Iedema (2003), Baldry (2000, 2006) e O'Halloran (2004), para enunciar apenas alguns nomes, este trabalho partilha da ideia de que a linguagem não é entendida como um fenómeno isolado, e apoia-se na teoria que permite analisar o modo como os diferentes recursos são ressemiotizados e interagem na produção de sentido.

Assim, os objectivos principais deste artigo são (i) mostrar que a Semiótica Social permite trilhar percursos de leitura de diferentes sistemas semióticos, como são a linguagem verbal no seu modo escrito, e a linguagem visual na forma de desenho para criança (ii) mapear caminhos de desenvolvimento na leitura de imagens. No âmbito destes propósitos gerais, os objectivos específicos são: a) identificar como as imagens localizam as entidades no espaço; b) identificar a co-relação dos dois sistemas semióticos (imagem e escrita); c) identificar as emoções nas imagens; d) identificar as co-relações das emoções em textos multimodais.

Constitui o *corpus* de análise do presente trabalho *O livro que só queria ser lido*, da autoria de José Jorge Letria, e ilustrado por Daniel Silva (Fig. 1). *O livro que só queria ser lido* conta-nos a história de um livro que teve o seu tempo, que esteve na moda, que passou de mão em mão, que teve leitores apaixonados e que depois acabou na prateleira do esquecimento e da solidão, alimentando apenas o sonho de voltar a ser lido. Na sua solidão, teve por companhia uma velha máquina de escrever, também ela condenada ao esquecimento. Juntos, foram encontrando formas de ultrapassar a tristeza de se sentirem sozinhos.



Fig. 1: capa do livro (visual e verbal)

Na procura de esbater as fronteiras que delimitam os diferentes sistemas semióticos (verbal e visual) pretendemos dar resposta às perguntas: “Como é que as imagens localizam as entidades no espaço?”; “Como é que padrões de dois sistemas semióticos interagem na produção de significados?”; “Como são mapeadas as emoções nas imagens?”; “Como estão as representações dos dois sistemas semióticos relacionados no texto multimodal?”. Colocadas as perguntas

de investigação, passaremos, assim, a analisar em primeiro lugar a localização das entidades no espaço e, de seguida, derivaremos para o mapeamento das emoções como representação. Paralelamente, procuraremos dar resposta ao tipo de relações estabelecidas entre os sistemas semióticos na produção de significados.

A LOCALIZAÇÃO DAS ENTIDADES NO ESPAÇO

Sabemos que a forma como colocamos os objectos no espaço e as relações estabelecidas entre si envolve o reconhecimento da existência de relações simétricas e assimétricas. Nas relações assimétricas entre o objecto que queremos colocar e o objecto em relação ao qual o queremos posicionar há escolhas que têm de ser feitas. As relações assimétricas podem ser criadas em relação à posição, à ordem, à distância, ao tamanho, ou a outro tipo de relações. A entidade, o participante representado da estória (livro), é colocada na página como um recurso semiótico que juntamente com outros recursos semióticos possibilitam um potencial de significações, especificando possibilidades de caminhos de leitura.

Fazemos um parêntesis aqui para explicitar o termo “recurso semiótico”. Este termo é usado para referir as acções materiais e artefactos que usamos para fins comunicativos, quer produzidos fisiologicamente, como, por exemplo, as cordas vocais, os músculos usados nas expressões faciais, ou os gestos, quando falamos, quer, tecnologicamente, como, por exemplo, a tinta ou o *software* do computador, quando ilustramos, e que, sob formas combinadas e organizadas, se constituem como recursos.

Feita a clarificação, e como referimos acima, há escolhas que têm de ser feitas. A noção de escolha é crucial na Semiótica Social. Todos os elementos provenientes de sistemas semióticos diversos que ocorrem na construção de um texto multimodal podem ser analisados, relacionados uns com os outros e interpretados em termos das escolhas feitas entre os recursos semióticos disponíveis e em termos das suas contribuições para a função social e comunicativa do texto.

O título do livro *O livro que só queria ser lido* é uma metáfora ontológica (O LIVRO É UM SER VIVO). Lakoff e Johnson (2002 [1980]) denominam este tipo de metáfora de “personificação”. Como ser vivo, o livro tem sentimentos e emoções que são exploradas, sendo, como metáfora, um tributo à leitura, expressando uma verdade essencial: os livros partilham as nossas vidas e são parte da aventura para o conhecimento.

Os recursos semióticos usados são as imagens e a linguagem verbal escrita. O livro não é o único participante representado da estória, mas é o mais importante - o protagonista. Como tal, é localizado na capa, assumindo o seu nível de importância.

Iremos, neste passo da análise, focar a nossa atenção na organização do texto. Van Leeuwen (2005) chama ao *layout* composição. A composição da capa materializa a metafunção textual (Halliday 1994), na terminologia da GSF. Nesta metafunção, a linguagem é usada para relatar aquilo que é escrito ou ilustrado, para mencionarmos apenas os recursos inscritos nos dois sistemas semióticos aqui tratados (a linguagem verbal escrita e a linguagem visual). Isto envolve a linguagem na organização do próprio texto. O entendimento de texto aqui usado é o de Halliday, em que este é assumido como uma unidade de significação materializada através de uma porção de linguagem para fins comunicativos num contexto de situação, qualquer que seja o sistema semiótico no qual é expresso.

Em termos de composição, ou para usarmos a terminologia da GSF, na metafunção textual as noções de centro, margem, direita, esquerda, em cima ou em baixo são dimensões da nossa experiência espacial, mas a aquisição e interiorização de valores positivos e negativos constituem extensões metafóricas semiotizadas nos diversos sistemas semióticos. Estas noções são determinadas culturalmente. Assim, a página impressa é um espaço visual da organização textual. Na figura 1 (capa), os dois sistemas semióticos estão organizados de forma a construir uma unidade de significação. A proeminência visual é dada ao livro localizado à esquerda na primeira prateleira.

Quando falamos ou escrevemos começamos com algo que é “dado”, algo já conhecido ou já mencionado de forma a que o nosso interlocutor possa passar

para o “novo”, para o conhecimento que o locutor quer introduzir.

Considerando a estrutura da informação, a organização espacial do livro e a sua relação com as prateleiras mostra que este está localizado no *espaço do Dado*, isto é, do conhecido, tanto no sistema semiótico visual como no sistema semiótico verbal, materializando a ordem da esquerda para a direita. É o elemento visual mais destacado. O mesmo é verdadeiro para o título, como vemos no quadro 1.

Quadro 1: Título do livro

O livro	que só queria ser lido
Dado	Novo

Esta ordem não é, portanto, restrita à linguagem verbal. A ressemiotização ao nível da linguagem visual também segue esta direcção. A atenção é concentrada no primeiro elemento, o livro. Esta informação (Dado) é normalmente localizada no início da oração. A outra informação (Novo) é o enfoque da mensagem, aquilo que o torna especial, único: *que só queria ser lido*. A localização da impressão das letras segue a ordem estrutural horizontal da esquerda para a direita, mas, graficamente, a escolha feita é a ordem hierárquica vertical descendente (de cima para baixo), seguindo a orientação de alongamento (elongation) vertical (de acordo com a classificação de Kress e van Leeuwen (1999 [1996])), em que o mais importante está em cima. Esta última escolha é da responsabilidade de um terceiro elemento do processo: o designer gráfico. Em segundo lugar, o facto de o livro estar posicionado na primeira prateleira, quando estão pintadas mais prateleiras, sugere uma construção hierárquica da imagem, insinuando a orientação da página como uma ordem vertical descendente.

De facto, a localização da identidade no espaço é inculcada pelo sistema semiótico verbal que co-ocorre com o sistema visual, como mencionado na página 7: “Era o caso deste livro, que encontrara o seu pouso certo numa prateleira alta de uma

estante colocada ao lado da secretária, onde agora era rei e senhor o computador.” O leitor, através dos exemplos dados, percebe padrões de semelhança da linguagem verbal e da linguagem visual. Contudo, a localização espacial do livro é expressa verbalmente num contexto mais amplo do que o visual. Circunscrevendo a análise a este tópico específico, o apagamento da imagem parece ser uma estratégia semiótica em que a redução existe por questões de gestão do espaço. O tipo de relações entre os dois sistemas semióticos não se restringe ao enunciado. Relações de expansão e de projecção, entre outros (*vide* Unsworth 2006), poderão ser estabelecidas. Por conseguinte, a organização espacial das entidades pode ser descrita linguisticamente de variadas maneiras, expressando cada uma delas as escolhas do escritor. O mesmo é verdadeiro para as imagens. A organização espacial é uma escolha que o ilustrador faz de forma a representar esta vertente semiótica do texto num processo de ressemiotização e de produção de significado.

Iedema (2003) considera o uso do conceito de ressemiotização consistente na sua aplicação aos textos multimodais por duas razões: (i) porque mostra como os sistemas semióticos são traduzidos de um sistema para o outro como processos sociais; (ii) porque questiona a razão pela qual um sistema semiótico é mobilizado, em vez de outro, para concretizar algo em tempos específicos.

No âmbito da GSF, a metafunção ideacional assume que qualquer sistema semiótico tem de ter a facilidade de comunicar acerca da representação do mundo interior ou exterior. Na linguagem verbal, a organização da oração realiza os significados ideacionais, ou seja, a representação através dos tipos de processos e dos participantes associados. De acordo com Halliday e Matthiessen (2006 [1999]: 52) uma imagem é uma representação da experiência na forma de uma configuração, consistindo num processo, com participantes fazendo parte desse processo e de circunstâncias associadas. Acrescentam que há inúmeros tipos de processos no universo não semiótico, mas que estes são construídos semioticamente de acordo com a forma como os participantes são configurados num reduzido número de processos-tipo: ser, fazer, sentir e dizer.

Se analisarmos de forma mais próxima a representação linguística, conforme o quadro 2, identificaremos duas entidades envolvidas no processo. O livro não

é o único participante da estória. É o mais importante, mas há a máquina de escrever que sofre do mesmo problema – ser relegada para um segundo plano – e temos o computador que é agora rei e senhor. Os processos relacionais são aqueles que codificam significações estabelecidas por relações de ser. Este tipo de processo envolve o estabelecimento de uma relação entre dois termos. Neste caso, as duas entidades representadas são o livro e a máquina de escrever. A relação estabelecida entre estas duas entidades é a de posse. Isto é codificado através do processo. O livro é o possuidor, ‘tinha’ o processo, é um processo possessivo atributivo, e ‘a máquina de escrever’ é o atributo, o possuído. De facto, o livro, objecto não-humano antropomorfizado, é representado ao longo da estória fundamentalmente como *Senser* e *Carrier* cujas emoções e relações são expostas. Por outro lado, a representação visual dos dois participantes segue a estrutura do sistema semiótico verbal, como pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2: O livro tinha por companhia uma velha máquina de escrever

<p>(Linguagem verbal)</p> <p><i>A única companhia com que o livro podia contar era a de uma velha máquina de escrever que já tivera, naquela casa, a sua época e a sua utilidade.</i></p>	<p>(Representação dos 2 sistemas semióticos)</p> <p>possuidor ---verbo relacional---possuído</p>
<p>(Linguagem verbal)</p>	



O alongamento horizontal (Kress and van Leeuwen 1996) é realizado visualmente pela colocação do livro no local do Dado, a informação considerada familiar para o leitor e que serve de ponto de partida da oração, ao passo que a máquina de escrever é colocada na posição do Novo, a informação até ao momento desconhecida para o leitor, materializando o local do atributo possuído.

Uma possível relação das entidades no espaço em termos de localização seria colocar o livro na estante e a máquina de escrever na secretária. Seguindo tanto a ordem da posição como a de relação, o livro é posicionado à esquerda da máquina, sua companheira de infortúnio. O livro materializa assim a posição da esquerda, enquanto a máquina fica na posição da direita. Especificando este tipo de relação espacial entre as duas entidades (livro e máquina), o livro é percebido como tendo o papel do Dado na imagem, à semelhança do que acontece com a linguagem verbal [O livro tinha como companheira uma máquina de escrever]. Deste modo, quando comparamos os dois sistemas semióticos nas suas funções de criação de significados, a orientação da localização das entidades no espaço segue a direcção da esquerda para a direita (tanto na frase como na imagem).

A localização das entidades no espaço pode ser descrita linguisticamente de variadas maneiras, cada uma expressando as escolhas do escritor. O mesmo é verdadeiro para as imagens. A organização espacial das imagens é resultante das escolhas que o ilustrador faz no sentido de representar esta parte semiótica do texto num processo de co-relação na articulação da produção de significados.

Seguindo tanto a relação da posição como da ordem, o livro é posicionado à esquerda da prateleira: tem uma posição *Senser* enquanto que a máquina de escrever é posicionada à direita. Quando especificamos o tipo de relação espacial entre as duas entidades (livro e máquina de escrever) encontramos um padrão espacial comum nos dois sistemas semióticos. A estrutura espacial da imagem é organizada de forma similar à estrutura verbal criando proposições significativas em termos de sintaxe visual. Assim, ao compararmos os dois sistemas semióticos na construção de significados, ambos seguem a orientação da esquerda para a direita na frase.

As máquinas de escrever são, na generalidade, maiores do que os livros, seguindo a condição de assimetria no que se refere ao tamanho. A organização espacial destas duas entidades é aqui representada como relativamente simétrica em termos de tamanho, seguindo uma configuração de amigável simetria relacional.

O MAPEAMENTO DAS EMOÇÕES NOS SISTEMAS SEMIÓTICOS

Nesta parte da análise, pretendemos mostrar o mapeamento das emoções, isto é, como é que as emoções estão representadas no texto multimodal, identificando os diferentes sentimentos a nível linguístico através da análise da Atitude (Martin 2008), e, ao nível da imagem, através da análise da metáfora conceptual (Lakoff e Johnson 1980). As relações destes dois sistemas semióticos, linguagem verbal do modo escrito, e imagem, são identificadas e explicadas. A análise é circunscrita ao nível das representações ou, para usarmos um termo da GSF, ao nível da metafunção ideacional (Halliday 1994).

Como tem vindo a ser evidenciado, a linguagem é um sistema semiótico através do qual os pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa determinada cultura. A imagem, ou o sistema semiótico visual, é outro modo através do qual os pensamentos, ideias e sentimentos são representados nessa mesma cultura. O modo escrito é o modo privilegiado na educação através do qual construímos a realidade e fazemos sentido dessa realidade, mas, sendo as imagens outro modo, elas também representam conceitos, ideias e sentimentos. Por conseguinte, a linguagem não é um sistema isolado de comunicação, mas exige referência a outros sistemas na construção de sistemas de significação.

A metáfora como conceito também é multimodal no sentido de que pode ser usada noutros sistemas semióticos para além do verbal. Lakoff e Johnson trazem à evidência que este recurso é um mecanismo básico na compreensão da experiência.

Como já referido anteriormente, o livro é apresentado como uma metáfora conceptual ontológica. Este objecto físico constituído por papel constrói-se como um ser humano, com todas as experiências, sentimentos e motivações que

só aos humanos é possível viver, perceber e sentir. Através da personificação do livro, entidade não-humana, este passa a ser apresentado em termos humanos, termos esses que podemos entender com base nas nossas próprias experiências, comportamentos, emoções e motivações.

Polarizada entre tristeza e alegria, a maior parte das emoções enunciadas estão mapeadas em sentimentos circunscritos na esfera do pólo negativo, tais como tristeza, esquecimento, abandono e solidão. As emoções são representadas linguisticamente através de várias realizações léxico-gramaticais. O livro começa com “Era uma vez um livro triste.” O adjectivo é por natureza um modificador do substantivo, e “triste” é o modo de ser do “livro **triste**”.

Martin (2008) no estudo da Atitude, defende que o *Affect* se refere aos recursos usados para construir as reacções emocionais. Registam os sentimentos positivos e negativos, isto é, se nos sentimos tristes ou felizes, confiantes ou ansiosos. Estes sentimentos são localizados tanto linguisticamente, como em imagens, como vamos passar a analisar.

Ao considerarmos a linguagem corporal como um modo de comunicação, ou configurarmos esse modo como discurso, isto é, como uma prática social, a configuração de algumas propriedades (braços, pernas e olhos projectados para baixo, vectorizados de forma descendente) mostram que a imagem do livro expressa tristeza. As diferentes partes do corpo identificadas (ver quadro 3) são percebidas de forma consistente com características (gestos) que agrupadas constituem a configuração de propriedades que têm sido instanciadas através das propriedades de frequência e tempo nas nossas percepções do mundo. Estas propriedades constituem os padrões de comportamento adoptados pela comunidade e, por conseguinte, fazem parte das nossas próprias práticas (Hasan 2004: 18). O papel da metáfora orientacional é aqui um instrumento analítico fundamental na instanciação da Atitude nas imagens.

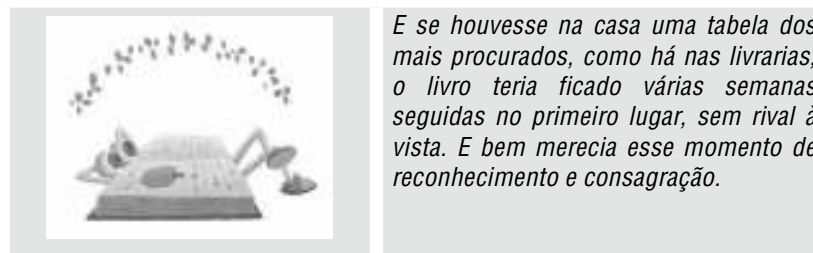
Quadro 3: Representação de tristeza

Partes do corpo (imagem)	Partes do corpo (descrição)	Linguagem verbal: Atitude
	Olhos: olhar direccionado para baixo	<i>Era uma vez um livro triste.</i>
	Ombros/ braços: direccionados para baixo	<i>Sentiu-se ainda mais só, triste e esquecido o pobre livro.</i>
	Pernas: direccionadas para baixo; não hirtas	<i>Porque me sinto muito só e triste...</i>

As metáforas orientacionais (Lakoff e Johnson 1980) constituem um instrumento de orientação físico-espacial fundamental na compreensão da realidade, desencadeadas pelo esquema de imagens que lhe estão subjacentes. Um exemplo típico desta metáfora é FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, que se manifesta através de enunciados como, por exemplo, “estamos num alto astral”, “ando nas nuvens”, “estou no céu”, ou, “estou a sentir-me em baixo”, “ele está na mó de baixo”, “ela anda de rastos”. Estas locuções prepositivas “para cima de” e “para baixo de” são exemplos amplamente divulgados como propiciando associações que estão ligadas a preconceitos negativos relacionados com a locução “para baixo de” e ideias opostas em relação a “para cima de”.




O quadro 4, por outro lado, através de algumas características da imagem, sugere significados opostos. Sabendo que esta é a última imagem do livro, podemos concluir que este tem um final feliz. O livro está aberto. Os braços e as pernas estão vectorizados para cima. Os olhos estão completamente abertos direccionados para cima. A configuração da linguagem corporal é a representação de emoções de reconhecimento e glória, estado que é polarizado como sendo a expressão da felicidade.

Quadro 4: Última imagem do livro (reconhecimento e consagração)



As diferentes partes do corpo do livro, identificadas no quadro 4, são percebidas como consistentes com determinadas características (gestos) que, agrupadas, dão uma certa configuração das propriedades da representação de emoções positivamente avaliadas. Como foi referido anteriormente, estas têm sido instanciadas através da frequência e do tempo nas nossas percepções do mundo. Essas percepções constituem padrões de comportamento adoptados pela comunidade e, deste modo, são parte integrante das nossas práticas, como as ilustrações parecem expressar. A co-articulação e intersecção destes dois sistemas semióticos contribuem para a produção da construção de significados.

Quadro 5: Representação de reconhecimento e consagração (felicidade)

Partes do corpo (imagem)	Partes do corpo (descrição)	Linguagem verbal: Atitude
	Olhos: olhar direccionado para cima	<i>E bem merecia esse momento de reconhecimento e consagração.</i>
	Ombros/ braços: direccionados para cima	
	Pernas: cruzadas direccionadas para cima	

Os padrões de linguagem corporal identificados no quadro 5 constituem padrões de ressemiotização da linguagem verbal que o ilustrador escolheu para representar as emoções aqui verbalizadas como as polarizadas de forma positiva. Deste modo, consideramos a hipótese de que as relações entre as características visuais das imagens e as da linguagem verbal escrita estão materializadas através de metáforas visuais que encontram relações de complementaridade metafórica no instrumento analítico da Avaliação.

CONCLUSÕES

A forma como apreendemos o mundo está subordinada a categorizações. A linguagem verbal é um modo de percebermos e expressarmos essa realidade. Outros sistemas semióticos existem que ocorrem como outros modos de expressarmos essa mesma realidade.

O enquadramento teórico da Semiótica Social e da GSF permite analisar os recursos semióticos constitutivos dos textos multimodais. Fornece também instrumentos analíticos conducentes a uma multiliteracia e, neste caso específico, à leitura de imagens, bem como à articulação dos diferentes sistemas semióticos usados no nosso dia-a-dia.

O livro que só queria ser lido privilegia o modo escrito. Nem tudo o que é escrito é materializado através de imagens, como foi evidenciado no apagamento (redução visual). No entanto, as relações existentes entre estes dois sistemas semióticos não se esgotam neste exemplo. Por outro lado, foram encontrados padrões de semelhança entre os dois sistemas semióticos, nomeadamente no que se refere à localização do valor da informação, verificando-se os mesmos padrões de organização dos sistemas, como são as orientações de cima para baixo e da esquerda para a direita ditadas pelas normas da escrita ocidental. •

BIBLIOGRAFIA

BALDRY, A. (ed.) (2000) *Multimodality and Multimediality in the Distance Learning Age*. Campobasso, Italy: Palladino Editore.

BALDRY, A. e THIBAUT, P. J. (2006) *Multimodal Transcription and Text Analysis*. London: Equinox.

HALLIDAY, M.A.K. (1989) "Part A" in M.A.K. Halliday and Ruqaiya Hasan (eds.) *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press: 1-49.

HALLIDAY, M.A.K. (1994 [1985]) *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold.

HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, C. (2006 [1999]) *Construing Experience Through Meaning: A Language-based Approach to Cognition*. London: Continuum.

HASAN, R. (2004) "Analysing Discursive Variation" in Lynne Young and Claire Harrison (eds.) *Systemic Functional Linguistics and Critical Discourse Analysis*. London: Continuum: 15-52.

IEDEMA, R. (2003) "Multimodality, resemiotization: extending the analysis of discourse as a multi-semiotic practice" in *Visual Communication* 2(1): 29-57.

KRESS, G. e van LEEUWEN, T. (1999 [1996]) *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.

KRESS, G. e van LEEUWEN, T. (2001) *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Arnold.

KRESS, G. (1997) *Before Writing: Rethinking the Paths to Literacy*. London: Routledge.

KRESS, G. (2003) *Literacy in the New Media Age*. London: Routledge.

LAKOFF e JOHNSON (2002 [1980]) *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC.

MARTIN, J. (2008) *Appraisal*. Lisbon Workshop.

O'HALLORAN, K. (ed.) (2004) *Multimodal Discourse Analysis: Systemic Functional Perspectives*. London: Continuum.

UNSWORTH, L. (2006) "Image/Text Relations and Intersemiosis: Towards Multimodal Text Description for Multiliteracies Education" in *33rd International Systemic Functional Congress Proceedings*. São Paulo: PUC.

Van LEEUWEN, T. (2005) *Introducing Social Semiotics*. London: Routledge.